



Pessach: construções e relações literárias na narrativa bíblica de Êxodo, Números e Josué

Passover: literary constructions and relationships in the biblical narrative of Exodus, Numbers and Joshua

Lucas Merlo Nascimento*

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) | Curitiba, Brasil

lucas.merlo@ftsa.edu.br

Resumo: Este artigo examina as narrativas de Pessach nos livros bíblicos de Êxodo, Números e Josué, investigando suas relações literárias e seu significado dentro de seus contextos narrativos. Utilizando uma abordagem de "close reading", o estudo analisa como cada narrativa articula diferentes nuances e significados de Pessach. No Êxodo, Pessach é ligado à libertação do Egito e estabelece ritual e pedagogia para a comunidade; em Números, a ênfase está na temporalidade e na pureza; em Josué, Pessach é celebrado após a entrada em Canaã, marcando o fim do processo libertador e a posse da terra. O artigo sugere que as narrativas de Pessach servem como marcos narrativo-estruturais do processo libertador, desde a saída do Egito até a posse da terra, demarcando transições importantes na narrativa.

Palavras-chave: Pessach. Bíblia Hebraica. Análise narrativa.

Abstract: This article examines the Passover narratives in the books of Exodus, Numbers, and Joshua in the Bible, investigating their literary relations and significance within their narrative contexts. Employing a close reading approach, the study analyzes how each narrative articulates different nuances and meanings of Passover. In Exodus, Passover is linked to the liberation from Egypt and establishes ritual and pedagogy for the community; in Numbers, the emphasis is on temporality and purity; in Joshua, Passover is celebrated after entering Canaan, marking the end of the liberation process and the possession of the land. The article suggests that the Passover narratives serve as narrative-structural markers of the liberation process, from the exodus from Egypt to the possession of the land, demarcating important transitions in the narrative.

Keywords: Passover. Hebrew Bible. Narrative analysis.

* Doutor em Teologia na área de História, Exegese e Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Docente da Faculdade Teológica Sul Americana.



Introdução

Pessach é festa central da tradição judaica, bem como sua releitura na tradição cristã da Páscoa. Na narrativa bíblica, é fundada quando da ocasião da fuga – libertação do Egito e constitui-se como a celebração desta liberdade. Enquanto vinculado à liberdade, a celebração do Pessach é narrada ainda em outros textos do conjunto de livros de Êxodo¹ a Josué, obra que narra o fim do processo libertador pela posse da terra. Reconhecendo a importância religiosa e literária de Pessach, o presente artigo investiga as relações literárias entre as narrativas de Pessach em Êxodo 12, Números 9² e Josué 5, bem como as construções literárias de cada uma em relação ao seu contexto narrativo, compreendendo como cada narrativa articula diferentes nuances e significações de Pessach.

Como método adotou-se a estratégia de “close reading”, leitura cerrada, circunscrita e atenta, que parte do reconhecimento do caráter literário do texto bíblico. Durão³ define “leitura cerrada” como

um tipo de atenção extrema ao texto, que procura alcançar o maior grau de proximidade e familiaridade com ele. A leitura cerrada caracteriza-se por sua lentidão e sensibilidade ao detalhe, que pode reorganizar o todo da obra. Em vez de preocupar-se somente com “o quê?”, ela leva em consideração o “como”.

A definição de Durão destaca que o “close reading” volta sua atenção não apenas para os significados de um texto, mas para as diferentes formas e estratégias literárias a partir de onde os significados emergem. De fato, “close reading” define menos um método bem definido e mais uma tendência, surgida em diferentes escolas de interpretação, de atentar-se ao texto bíblico enquanto literatura.⁴

As abordagens literárias à Bíblia têm destacado que, na economia literária da narrativa bíblica, seu caráter lacônico importa tanto quanto as estratégias de repetição e retomadas.⁵ Decerto que quaisquer repetições e detalhamentos na narrativa bíblica merecem atenção, dado sua composição sintética. É a partir de esse olhar que as

¹ Foi utilizada a nomenclatura grega para os títulos dos livros bíblicos, devido à familiaridade. Na tradição hebraica, Êxodo é o livro de Shemot.

² Na tradição hebraica, Números é o livro de Bamidbar.

³ DURÃO, 2016, p. 21

⁴ COETZEE, 1994.

⁵ AUERBACH, 1987; ALTER, 2007.



narrativas são aqui visadas, diante da recorrência narrativa da celebração de Pessach, compreendendo como as narrativas estão relacionadas entre si e como cada uma estabelece suas próprias redes de significado devido a seu contexto literário.

1 Pessach em Êxodo: narrativa, rito e pedagogia

O primeiro relato sobre a Pessach encontra-se no livro de Êxodo. O texto é um misto de ordenamento cerimonial com narrativa. Enquanto narrativa, os capítulos 12 e 13 do Êxodo marcam a etapa final das ações divinas contra os egípcios no processo de libertação e serve como transição para o relato da jornada e estadia no deserto. Assim, Êxodo 12 articula a morte dos primogênitos,⁶ último flagelo contra os egípcios desencadeado pelos demais flagelos,⁷ com a fuga rumo ao Sinai.⁸ A narrativa de libertação é articulada com o anúncio da libertação. Em Ex 12,12-13 a morte dos primogênitos é anunciada, e em Ex 12,29-30 é executada. É nesse cenário narrativo que o cerimonial da Pessach é estabelecido.

Enquanto texto cerimonial, Ex 12-13, está articulado com dois outros rituais, Matzot (pães sem fermento; Ázimos) e Pidyon Haben (consagração dos primogênitos), conforme esquema apresentado por Andiñach.⁹

A Páscoa (12,1-13) [14]

B Ázimos (12,15-20)

A' Páscoa (12,21-28)

C Libertação (12,29-51)

D Primogênitos (13,1-2)

B' Ázimos (13,3-10)

D' Primogênitos (13,11-16)

Enquanto prescrição cerimonial, o texto delimita a temporalidade: “este mês será para vós o início dos meses, será para vós o primeiro mês do ano”.¹⁰ Assim, o ritual redimensiona a experiência temporal comunitária, marcando o início do ano. Quanto à temporalidade ritual, o texto estabelece: “[...] décimo quarto dia deste mês [...] comerão a

⁶ Êx 12, 29-30

⁷ Êx 7-11

⁸ Êx 12, 31-39; Ex 15-19

⁹ ANDIÑACH, 2010, p. 153. Nesta citação foi reproduzida a nomenclatura do autor para os ritos.

¹⁰ Êx 12, 2. As citações são da Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB), adaptadas. A expressão “Senhor” foi substituída por Adonai e a expressão “Páscoa”, por Pessach.



carne naquela mesma noite”,¹¹ “durante sete dias comereis pães sem fermento [...] no primeiro dia fareis uma reunião sagrada. O mesmo acontecerá no sétimo dia [...] comereis pães sem fermento desde o entardecer do dia catorze até o entardecer do dia vinte e um do primeiro mês”.¹² A frequência do conjunto de ritos também é definida: “Anualmente, na data marcada, observarás este decreto”.¹³ O texto delimita, ainda, a permanência do rito, sua perpetuidade: “Vós celebrareis de idade em idade – lei perene”,¹⁴ “É um decreto válido para ti e teus filhos para sempre”,¹⁵ “é uma vigília para todos os filhos de Israel, de geração em geração”.¹⁶ Assim, a prescrição cerimonial fixa a perenidade e constância do rito, enquanto marco identitário que atravessará gerações, aproximando as gerações posteriores do motivo originário. Desta forma, a memória desempenhará papel importante. É pela memória que a temporalidade narrativa é atualizada, mediada pelo rito, para as novas gerações: “este dia vos servirá de memorial” (*zikaron*).¹⁷ Dessa forma, rito e narrativa se articulam como suportes da memória: “A memória flui, acima de tudo, através de dois canais: o ritual e a narrativa”.¹⁸

As prescrições dos três cerimoniais desempenham diferentes papéis cujos significados são relacionados ao contexto narrativo. Assim, o cerimonial dos pães ázimos¹⁹ ritualiza a pressa da fuga, conforme narrado: “Cozeram a massa que tinham trazido do Egito. Resultou em pães sem fermento, por não ter chegado a fermentar. Repentinamente expulsos do Egito, nem haviam podido fazer provisões”.²⁰ O cerimonial da consagração dos primogênitos²¹ decorre da matança dos primogênitos egípcios e de Adonai ter poupado os primogênitos dos israelitas: “matarei todo primogênito da terra do Egito, desde os homens até os animais”.²² O cerimonial da Pessach, por sua vez, é descrito como um ritual com função apotropaica, protegendo os israelitas da morte dos

¹¹ Êx 12, 6.8

¹² Êx 12, 15-16.18

¹³ Êx 13, 10

¹⁴ Êx 12, 14.17

¹⁵ Êx 12, 24

¹⁶ Êx 12, 42

¹⁷ Êx 12, 14

¹⁸ YERUSHALMI, 1992, p. 31.

¹⁹ Êx 12,15-20; 13,3-10

²⁰ Êx 12, 39

²¹ Êx 13, 1-2.11-16

²² Êx 12,12



primogênitos, uma vez que o sangue do animal imolado serviria como sinal a identificação das casas israelitas: “O sangue passado nas casas em que estiverdes vos servirá de sinal. Vendo o sangue, passarei sobre vós. Não recebereis nenhum golpe destruidor, quando eu golpear a terra do Egito”.²³ Desta forma, os três cerimoniais conectados em Ex 12-13, Pessach, Matzot e Pidyon Haben, articulam-se com o contexto narrativo, derivando deste seu sentido.

Os três cerimoniais articulam-se, ainda, pelo elemento pedagógico que possuem. Após a descrição de cada um dos cerimoniais, estabelece-se uma forma de transmissão traditiva intergeracional do sentido do rito, motivado pela curiosidade da geração mais nova e fundamentada na ação divina libertadora.²⁴ Assim, em Ex 12-13, narrativa, cerimonial e pedagogia se articulam, fomentando três diferentes dimensões religiosas: a fundamentação na história sagrada, a vivência ritual permanente e a transmissão intergeracional. Nesta articulação, cada rito baseia-se em um elemento do processo libertador que serve como fundamento para o ensino entre as gerações, favorecendo a construção de uma identidade rememorada pela narrativa, corporificada pelo rito e transmitida pelo ensino.

A dimensão identitária da articulação entre narrativa, rito²⁵ e ensino é intensificada pelas referências à “Comunidade de Israel”.²⁶ Em dimensão sincrônica, toda a “comunidade de Israel” é destinatária da ação libertadora. Para tanto, toda a comunidade deve realizar o rito conforme estabelecido. Assim, narrativa e rito configuram-se mutuamente. A narrativa dá a “sintaxe” do rito, e o rito atualiza a narrativa. O rito extrapola sua dimensão originária, sincrônica, sendo estabelecido como recorrente, em dimensão diacrônica. Uma vez que o rito atualiza a narrativa para novas gerações, é o rito o elo entre a narração e o ensino. É por meio da vivência ritual que a narração seria atualizada e ensinada às gerações futuras. Desta forma, o que a narrativa conta é ritualizado pelas novas gerações a quem são ensinados os sentidos do rito.

O sentido da Pessach em Êxodo se configura a partir da confluência entre narração, rito e ensino. Pessach, em sua dimensão narrativa, é anunciada como promessa aos patriarcas. No rito de aliança entre Adonai e Abraão, em uma espécie de sonho

²³ Êx 12,13

²⁴ Ex 12, 26-27; 13, 8-9.14-16

²⁵ Guardando-se as diferenças entre relatos míticos e a recepção memorial do Êxodo, uma relação de estruturação mútua entre “mito” e “rito” por ser vista em Croatto, 2004, p. 332-334.

²⁶ Êx 12, 3.6.19.47



revelador (“torpor”), Adonai revelaria a Abraão: “fica sabendo que a tua descendência será migrante numa terra que ela não possuirá. Ela será escravizada, e será oprimida durante quatrocentos anos. Eu serei juiz também da nação à qual eles servirão, e depois eles sairão com grandes bens.” (Gn 15, 13-14).²⁷ Porém, a revelação não apresenta ainda a dimensão ritual da Pessach, apenas o anúncio libertador. Será apenas em Ex 12-13 que a dimensão ritual e, decorrente dela, a dimensão pedagógica, será estabelecida.

É nesse primeiro relato que o nome do cerimonial é identificado: “Uma Pessach a Adonai”,²⁸ “Eis o ritual de Pessach”.²⁹ “Pessach” não apenas nomeia o ritual, como opera como palavra-guia para o sentido narrativo. Assim, para além do uso da raiz פסח enquanto nome do ritual,³⁰ o sentido do ritual é estabelecido narrativamente: “vendo o sangue, *passarei* sobre vós”,³¹ “Então ele *passará* adiante e não deixará que o Destruidor entre em vossas casas para ferir”.³² O vínculo entre o substantivo e o verbo são explicitados: “É o sacrifício da Pessach para Adonai, que passou diante das casas dos filhos de Israel no Egito, quando golpeou o Egito e libertou nossas casas”.³³ Há de se notar que o verbo, além de Êxodo 12, consta apenas no livro de Samuel, Reis e Isaías.³⁴ Estas referências, com exceção de Isaías, acrescentam uma dimensão interessante no sentido da raiz, que significa “ser aleijado, coxo, manquejar”. Dentro da lógica narrativa de Êxodo, o sentido de “manquejar”, enquanto falha, indica que ao atravessar o Egito para ferir, Adonai “manquejaria”, isto é, falharia propositalmente em sua passagem, não ferindo as casas israelitas.³⁵ A proposital “falha divina” confere sentido tanto à narrativa quanto ao rito que a celebra e ao ensino que a acompanha.

2 Pessach de Números: tempo e pureza

A segunda narrativa de Pessach encontra-se em Números 9.³⁶ Insere-se, narrativamente, no período de estadia dos hebreus no Sinai, após transitarem pelo deserto, receberem de Moisés a lei divina e construírem o tabernáculo divino. O relato marca, portanto, a vida

²⁷ = Bereshit

²⁸ Êx 12, 11

²⁹ Êx 12, 43

³⁰ Êx 12, 11.21.27.43.48

³¹ Êx 12, 13. Destaque nosso.

³² Êx 12, 23. Destaque nosso.

³³ Êx 12, 27

³⁴ 2 Sm 4,4, 1Rs 18,21.26 e Is 31,5. LISOWKSY, 1981, p. 1175

³⁵ Ex 12, 23

³⁶ Há de se notar que, enquanto lei, o Pessach consta antes, em Levítico (Vaikrá) 23,5.



no deserto: “Adonai falou a Moisés no deserto do Sinai [...] Celebrem-na do deserto do Sinai”.³⁷ No relato, não é ressaltado o vínculo entre o rito do Pessach e a passagem divina poupando os israelitas; a ênfase está apenas no rito, nomeado ao longo da narrativa.³⁸

A ênfase no rito fica clara pelo verbo que a acompanha, que serve como palavra-guia: fazer (celebrar) o Pessach. O verbo *פָּשַׁח* consta sempre referindo-se ao Pessach, vinculado ao substantivo ou pronome referente ao rito.³⁹ Desta feita, importa para o relato a execução do Pessach. Mas, em que sentido o relato tematiza a execução?

Em primeiro lugar interessa a temporalidade da execução. Já no primeiro relato em Êxodo a temporalidade era fundamental, pois a memória da libertação do Egito reconfigurara o calendário, marcando o início do ano. Essa centralidade do tempo é retomada em Números 9, ao completar-se, na temporalidade narrativa, um ano após a saída do Egito, tempo de celebrar o segundo Pessach: “[...] no segundo ano após a saída da terra do Egito, no primeiro mês [...]”.⁴⁰ Neste contexto, a nova narrativa de Pessach tematiza a “data fixada” para a celebração do rito: “Celebrem os filhos de Israel o Pessach na *data fixada*. Será no dia catorze do segundo mês que a celebrareis. Celebrá-la-eis [*na data fixada*] seguindo exatamente o ritual de Pessach e seus costumes”.⁴¹ É neste contexto que alguns homens expressam a impossibilidade de realizarem o rito “na data fixada”: “[...] por que nos é proibido trazer nosso presente a Adonai *na data fixada* com todos os filhos de Israel?”.⁴² Na conclusão da narrativa, com mesmo vocabulário utilizado pelos homens do verso 7, novamente é reforçada a *data fixada* da celebração: “[...] por não ter trazido seu presente a Adonai *na data fixada*, este homem arcará com as consequências de seu pecado”.⁴³ Assim, a questão central da execução do rito está ligada ao tempo de celebração.

Mas, por qual razão a data de execução é tematizada na narrativa? Devido à impossibilidade de execução no tempo certo. Em segundo lugar, portanto, interessa à

³⁷ Nm 9, 5

³⁸ Nm 9, 2.4.5.6.10.12.13.14

³⁹ Nm 9,2.3.4.5.6.10.11.12.13.14

⁴⁰ Nm 9, 1

⁴¹ Nm 9,2-3. Itálicos nossos. No v.3, a Tradução Ecumênica da Bíblia não repete a expressão “data fixada” que consta no texto hebraico. Por isso a expressão foi inserida entre colchetes.

⁴² Nm 9, 7

⁴³ Nm 9, 13



narrativa casos de exceção em que se poderia alterar a data de celebração do Pessach. O caso é apresentado narrativamente:

Ora, alguns homens encontravam-se em estado de impureza por terem tocado num morto; não podendo celebrar o Pessach *neste dia* [...] Estamos em estado de impureza por termos tocado num morto; por que nos é proibido trazer nosso presente a Adonai na data fixada como todos os filhos de Israel?⁴⁴

Estabelece-se, portanto, o caso de impossibilidade de celebração do rito na data correta devido à situação de impureza. Como resposta, Moisés consulta Adonai, que estabelece um novo calendário para casos de exceção: em casos de impureza ou viagem longa, Pessach deveria ser celebrado “no dia catorze do segundo mês, ao entardecer”.⁴⁵ Dessa forma, a execução do rito no dia correto é condicionada pelo estado de pureza do participante. Tempo correto e pureza são elementos que retomam a legislação do Levítico. Em Levítico, quando são estabelecidas as festas anuais e, dentre elas, o Pessach, estabelece-se: “As festas solenes [fixas] são aquelas que deveis convocar reuniões sagradas. Estes são os encontros solenes [fixos] comigo [...] Estas são as festas solenes [fixas] de Adonai, as reuniões sagradas que deveis convocar nas datas fixadas”.⁴⁶ Assim, a legislação levítica estabelece a relação entre as celebrações em data fixada e o caráter sagrado de tais celebrações, impossibilitando, portanto, a execução por alguém em estado de impureza, conforme a legislação levítica.⁴⁷ Dentre as situações de impureza está o contato com cadáver.⁴⁸ Desta forma, é na base das concepções de impuro, puro e santo e do contágio sagrado⁴⁹ que se estabelece a possibilidade de alteração da data para o segundo mês.

Esse caso será refletido, pelas mesmas razões, na celebração de Pessach pelo rei Ezequias,⁵⁰ atrasada em um mês conforme a narrativa de Crônicas,⁵¹ devido à impureza dos sacerdotes:

⁴⁴ Nm 9, 6-7

⁴⁵ Nm 9, 11

⁴⁶ Lv 23, 2.4. Foi acrescentado o adjetivo fixas/ fixos ao texto, entre parênteses, pois a Tradução Ecumênica da Bíblia verte por “festas solenes”, mas a expressão é a mesma encontrada em Nm 9 para data fixada.

⁴⁷ Lv 11-15

⁴⁸ Lv 11

⁴⁹ Douglas, 2019, p. 148-150.

⁵⁰ Sobre a relação entre o relato de Números e o Pessach de Ezequias, ver Chavel, 2009.



O rei, seus dignatários e toda a assembleia de Jerusalém tinham resolvido celebrar Pessach no segundo mês. Com efeito, não mais podiam celebrá-la no devido tempo, porque não estavam santificados sacerdotes em número suficiente e o povo não se reunira em Jerusalém.⁵²

Ainda assim, segundo a narrativa cronista, alguns do povo celebraram Pessach sem a devida purificação “em contradição com o que está escrito”, o que resultou numa intercessão do rei Ezequias a Adonai, que os poupou.⁵³ A própria narrativa em Números legitima o Pessach atrasado, ao estabelecer que a celebração atrasada de Pessach em caso de impureza ou viagem “[...] vale para vós e para vossos descendentes”.⁵⁴ Desta forma, santo, puro e impuro passam a ser categorias religiosas articuladas para a alteração da celebração de Pessach.

Essa nova data para a celebração do Pessach, em caso de exceção, um mês após a data fixada, serve como justificativa para compreender o lugar narrativo de Números 9. Dentro da temporalidade intranarrativa, o que é narrado em Números 9 ocorre antes do que já fora narrado em Números 1-8! O livro começa com um discurso divino a Moisés “no primeiro dia do segundo mês”,⁵⁵ pressupondo, portanto, que a data fixada de Pessach e sua celebração já passaram. Porém, considerando a data fixada para casos de exceção, o início do livro ainda se encontra antes. Após a celebração atrasada de Pessach, dá-se o início da jornada pelo deserto, saindo do Sinai até Moabe “no segundo ano, no dia vinte do segundo mês...”.⁵⁶ Assim, o lugar narrativo da segunda Pessach justifica-se não pela data fixada primariamente, no dia catorze do primeiro mês, mas pela celebração atrasada, no dia catorze do segundo mês. Justamente essa celebração atrasada marca a transição entre os recenseamentos que preparam a saída do Sinai⁵⁷ e a saída.⁵⁸ Assim, a estratégia de atrasar a narrativa da segunda Pessach destaca sua função narrativa: a Pessach de exceção em Números marca a saída do Sinai.

3. Pessach de Josué: terra

⁵¹ = Divrê Hayamim bet

⁵² 2Cr 30,2-3

⁵³ 2Cr 30, 18-19

⁵⁴ Nm 9, 10

⁵⁵ Nm 1, 1

⁵⁶ Nm 10, 11

⁵⁷ Nm 1-8

⁵⁸ Nm 10, 11



Após a celebração de Pessach em Números, apenas no livro de Josué o cerimonial reaparecerá na narrativa. Entre Números e Josué, Pessach só consta no itinerário de Números que recorda a trajetória desde a saída do Egito⁵⁹, na legislação dos ritos perenes⁶⁰ e na legislação do Deuterônomo,⁶¹ porém nenhuma celebração de Pessach é narrada. O cerimonial é narrado em Josué 5, de forma breve, não sem acrescentar interessantes dimensões narrativas.

O Pessach de Josué é narrado após a travessia pelo rio Jordão⁶², portanto, na terra de Canaã. Nesta breve narrativa, a ênfase recai no lugar da celebração: “acamparam em Guilgal e celebraram Pessach no décimo quarto dia do mês, à tarde, na planície de Jericó”,⁶³ “terra de Canaã”.⁶⁴ Ao destacar o tema da terra, esse relato de Pessach rememora a já citada promessa divina a Abraão. Após Adonai revelar, por meio de um sonho-torpor noturno, que a descendência abraâmica seria migrante e escravizada em uma terra estrangeira, mas que Adonai os libertaria, o destino da descendência abraâmica é identificado: “Na quarta geração, tua descendência voltará para cá”.⁶⁵ Dessa forma, ao vincular a celebração de Pessach após a entrada em Canaã, fecha-se o ciclo da revelação divina. Pessach, portanto, celebra não apenas a narrativa inicial de libertação, a saber, aquela da saída do Egito, mas agora, a essa agrega-se a narrativa final de libertação, isto é, sua concretização por meio da posse da terra.

A ênfase na terra é ainda destacada por meio do consumo dos “produtos da terra”. Há uma densidade de referências à expressão, nos versos 11-12 consta três vezes. Os “produtos da terra” contrastam com o alimento do deserto, o maná,⁶⁶ indicando, portanto, que a situação de escassez desértica está superada, e agora experimenta-se as benesses da terra. É debaixo dessa compreensão que a temporalidade narrativa é estabelecida. Primeiro é indicado que “eles comeram os produtos da terra, no dia seguinte a Pessach”⁶⁷. Após, é informado que o alimento desértico cessara: “e o maná cessou no dia seguinte, depois que comeram produtos da terra”.⁶⁸ E, por fim, indica-se a

⁵⁹ Nm 33

⁶⁰ Nm 28

⁶¹ = Devarim. Dt 16

⁶² Js 3-4

⁶³ Js 5, 10

⁶⁴ Js 5, 12

⁶⁵ Gn 15, 16

⁶⁶ Js 5, 12

⁶⁷ Js 5, 11

⁶⁸ Js 5, 12a



continuidade da disponibilidade de alimento, e a cessação total do maná: “Não mais houve maná para os filhos de Israel, que, naquele ano, comeram os produtos da terra de Canaã”.⁶⁹

Na narrativa de Josué, portanto, a nuance de Pessach está relacionada diretamente ao seu contexto narrativo: ao ser superado todo o período de peregrinação no deserto, no qual os israelitas dependiam do alimento enviado por Adonai, celebra-se, agora, o fim do processo libertador, a posse da terra e, com ela, sua produção que sustenta a vida. Como fim do processo libertador, a narrativa de Josué ainda espelha o que fora estabelecido na narrativa exodal: “observareis este rito quando tiverdes entrado na terra”.⁷⁰

No relato de Josué, portanto, tempo e espaço convergem enquanto concretização da narrativa de libertação. É no espaço de Canaã que o processo libertador atinge seu fim, e é neste espaço que, como no primeiro Pessach, o tempo é redimensionado: inaugura-se o “tempo seguinte” aos dias do deserto, o tempo no qual se celebram e usufruem os produtos da terra.

4 Pessach: uma visão de conjunto

Até aqui as narrativas de Pessach nos livros de Êxodo, Números e Josué foram visadas em suas dinâmicas próprias, buscando compreender como cada narrativa articula-se com seu contexto. Após observá-las separadamente, uma hipótese surge, desde o ponto de vista do conjunto: a repetição das narrativas de Pessach, com suas peculiaridades, não apenas articulam-se a partir de elementos de seu contexto narrativo, estabelecendo novas dimensões e nuances do cerimonial, como também desempenham uma função narrativo-estrutural em Êxodo a Josué.

Conforme já notado, na narrativa bíblica a estadia dos hebreus no Egito, bem como sua posterior fuga e posse da terra são prenunciados por meio da revelação divina a Abraão, formando, portanto, um ciclo narrativo que tem como ponto de partida o Egito e como ponto de chegada Canaã, lugar das peregrinações do patriarca. Considerando esse ciclo narrativo, os relatos de Pessach servem para marcar três momentos decisivos, delimitados geograficamente em torno do Egito, Sinai e Canaã. Assim, Pessach identifica o início do processo libertador que confere o motivo literário ao rito,⁷¹ o meio

⁶⁹ Js 5, 12b

⁷⁰ Êx 12, 25

⁷¹ Êx 12



do processo libertador, que é a partida do Sinai⁷², e o fim do processo, a chegada à terra.⁷³

A hipótese se estabelece pelo lugar e tempo de cada narrativa: em Êxodo, os israelitas estão, ainda, no Egito, terra da opressão, antes de iniciar-se a travessia pelo mar dos juncos e a jornada pelo deserto. O relato de Números marca o fim da estadia no Sinai, iniciada no Êxodo, quando da chegada dos hebreus ao Sinai após a primeira jornada pelo deserto. Conforme já notado, o relato de Números 9 temporalmente seria alocado antes de Números 1, mas seu relato é atrasado pela ênfase no segundo Pessach, dos impuros, e, portanto, no lugar que está, indica o fim do período no Sinai. Ora, narrativamente, é no Sinai que os israelitas recebem as leis divinas mediadas por Moisés, e é lá que passam a estruturar-se em espaços santo, puro e impuro a partir do tabernáculo divino, daí o vínculo com a impureza. Por fim, o relato de Josué marca o fim do processo libertador, a posse da terra. De fato, o relato de Josué estrutura-se como “espelho” do Êxodo: se no início Pessach foi celebrada antes da travessia do mar dos juncos, agora, é celebrada após a travessia do rio Jordão. Desta forma, no ciclo narrativo da libertação, Pessach identifica as transições: saídas e chegadas.

Essa função narrativo-estrutural de Pessach fica ainda mais clara quando percebidas as relações entre as narrativas. No relato de Êxodo, uma nova temporalidade é inaugurada, o calendário é reorganizado a partir do ato libertador: Pessach é início do ano. No relato de Números, essa temporalidade é redimensionada para incluir aqueles que estariam impuros por ocasião de Pessach: no segundo mês poderiam celebrar. Em Josué, não há uma alteração de calendário, mas uma sinalização da mudança qualitativa do tempo: Pessach marca o fim do tempo desértico e o início do tempo em que os produtos da terra são disponíveis.

Desta feita, as narrativas de Pessach, quando considerado o lugar literário que possuem, servem como marcos narrativo-estruturais do processo libertador, desde o Egito, até Canaã, passando pelo Sinai. Assim, Pessach estabelece-se não apenas como memorial de libertação, mas como cerimonial que sinaliza narrativamente os momentos do processo libertador.

Considerações finais

Se, como afirmado no início do artigo, Pessach é celebração fundamental da tradição judaica, não se pode desprezar, ainda, sua função estrutural nos textos fundantes da

⁷² Nm 9

⁷³ Js 5



tradição. Considerando o estilo narrativo da Bíblia Hebraica, as referências ao Pessach não podem ser lidar como referências casuais. O estilo sintético e lacônico da narrativa bíblica provoca a olhar, na repetição narrativa de Pessach, sua função e peculiaridades. Neste sentido, pôde-se explorar as três narrativas de Pessach em seus contextos literários, verificando como o contexto literário configura a narrativa, bem como observar como os relatos de Pessach possuem uma função estrutural na grande narrativa que se estende desde a opressão egípcia até a vida na terra de Canaã.

As referências a Pessach em textos legislativos não foram explorados, senão em breves referências quando importava aos textos narrativos sobre o cerimonial. De certo que cada um merece sua própria abordagem, por exemplo, verificando como cada legislação da Torá acresce, altera ou confere novos sentidos ao cerimonial. Tal empreendimento excede o escopo deste artigo, devido ao interesse nos relatos narrativos de Êxodo, Números e Josué e a função estrutural que desempenham conjuntamente.

Nesta mesma direção, outros textos narrativos da Bíblia Hebraica retomam o rito de Pessach. Citou-se brevemente o relato cronista do Pessach de Ezequias, devido à confluência com o “calendário atrasado” de Números. De certo que também poder-se-ia explorar o Pessach do rei Josias⁷⁴. Porém, uma vez mais, excederia ao olhar de conjunto aqui proposto, por não fazer parte do mesmo ciclo narrativo. De qualquer maneira, a mera recorrência de Pessach na narrativa desses reis serve para demonstrar a relevância literária que o rito tem para localizar, narrativamente, momentos importantes: onde tem Pessach, tem algo a ser lido com cuidado. No caso deste artigo, espera-se ter demonstrado como cada uma das narrativas de Pessach possuem suas próprias articulações literárias, configurando seus sentidos, quanto as três juntas operam estruturalmente marcando o relato de libertação.

Referências

ALTER, Robert. *A Arte da Narrativa Bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ANDIÑACH, Pablo. *O livro do Êxodo*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: _____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BÍBLIA. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Barueri: Deutsch Bibelgesellschaft: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA. *Tradução Ecumênica da Bíblia*. São Paulo: Loyola: Paulinas, 2002.

⁷⁴ 2Rs 23 = Melakhim bet e 2Cr 35.



- CHAVEL, Simeon. The second Passover, Pilgrimage, and the Centralized Cult. *The Harvard Theological Review*, vol. 102, n. 1, jan. 2009, p. 1-24.
- COETZEE, J. H. Close Reading of the Bible. *Old Testament Essays*, vol.7, n.4, 1994, p. 72-77.
- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- DOUGLAS, Mary. *Levítico como literatura*. São Paulo: Loyola, 2019.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. *O que é crítica literária?* São Paulo: Nankim: Parábola, 2015.
- LISOWSKY, Gerhard. *Konkordanz zum Hebraischen Alten Testament*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1981.
- YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor: História judaica e memória judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Enviado em: 12/02/2024

Aprovado em: 29/02/2024